



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE BRAGANÇA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO (FACED)  
CURSO DE PEDAGOGIA

ELANE ROSA DA SILVA

EDUCAÇÃO QUILOMBOLA E IDENTIDADE CULTURAL NO QUILOMBO  
JURUSSACA, TRACUATEUA- PA

BRAGANÇA-PA  
2026

ELANE ROSA DA SILVA

**EDUCAÇÃO QUILOMBOLA E IDENTIDADE CULTURAL NO QUILOMBO  
JURUSSACA, TRACUATEUA- PA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à  
Universidade Federal Pará, Campus Universitário de  
Bragança, como requisito parcial para obtenção do  
Grau do Curso de Licenciatura em Pedagogia.

Orientador: José Adalberto Gomes da Silva

BRAGANÇA-PA  
2026

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, agradeço a Deus, fonte de toda força, sabedoria e esperança. Sem Sua presença em minha vida, eu não teria conseguido chegar até aqui e alcançar esta grande vitória. Em todos os momentos de desafios, incertezas e conquistas, Ele foi meu guia e sustentação.

Ao meu pai, Nivaldo Ribeiro da Silva, expressei minha profunda gratidão por sempre me incentivar a estudar, acreditar no meu potencial e nunca desistir dos meus sonhos. Seu apoio, seus ensinamentos e sua confiança foram fundamentais para que eu chegasse a esta etapa da minha formação. Você foi meu alicerce durante toda essa caminhada.

À minha mãe, Eliana Rosa da Silva, meu porto seguro, agradeço por todo amor, carinho, compreensão e dedicação. Sua presença constante, suas palavras de conforto e seu cuidado incondicional me deram forças para seguir em frente, mesmo diante das dificuldades.

Aos meus irmãos, Tiago Rosa da Silva e Elizane Rosa da Silva, agradeço pelo companheirismo, incentivo e apoio ao longo dessa jornada. Compartilhar essa conquista com vocês torna este momento ainda mais especial.

A toda a minha família, deixo meu sincero agradecimento por terem sido essenciais neste processo. Cada gesto de apoio, cada palavra de incentivo e cada demonstração de carinho contribuíram para que eu pudesse concluir esta etapa tão importante da minha vida.

Aos meus amigos da faculdade, Érica Kaline, Samilly Santos e Wesley Santos, agradeço pela amizade, parceria e companheirismo. Com vocês, a caminhada se tornou mais leve, alegre e significativa. As experiências compartilhadas, os momentos de aprendizado e o apoio mútuo ficarão para sempre em minha memória.

À turma de Pedagogia 2022, minha gratidão por todos os momentos vividos ao longo desses anos. Vocês são incríveis! As trocas de experiências, os aprendizados compartilhados e as amizades construídas foram fundamentais para minha formação acadêmica e pessoal.

Ao meu orientador, José Adalberto Gomes da Silva, agradeço pela orientação, paciência, dedicação e pelos conhecimentos compartilhados ao longo da construção deste trabalho. Sua contribuição foi essencial para a realização desta pesquisa.

Agradeço também à, especialmente aos professores que fizeram parte da minha trajetória acadêmica. Sou grata pelos ensinamentos, pela dedicação e pela sensibilidade diante das necessidades dos alunos. Cada aprendizado, desafio e experiência vividos ao longo desta graduação contribuíram para minha formação profissional e humana, deixando marcas que levarei por toda a vida.

Por fim, agradeço a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste sonho. Esta conquista não é apenas minha, mas de todos aqueles que caminharam ao meu lado, acreditaram em mim e fizeram parte desta história. Muito obrigada!

*Para que todos vejam, e saibam, e considere, e juntamente entendam que a mão do senhor fez isto, e o santo de Israel o criou.*  
(Isaías 41:20)

## RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso resulta de uma pesquisa realizada na escola Luduvino Antônio de Araujo, localizada na comunidade quilombola de Jurussaca, município de Tracuateua, Estado do Pará. O estudo partiu da seguinte problemática a educação escolar ofertada no quilombo atende os requisitos previstos nas Diretrizes Nacionais para a educação escolar quilombola. Teve como objetivo analisar como acontece a educação no quilombo Jurussaca e se está em conformidade com a legislação brasileira para educação escolar quilombola. O estudo assumiu uma abordagem qualitativa, fundamentada na revisão bibliográfica e análise de conteúdo, realizada por meio de entrevistas semiestruturadas com duas professoras, uma coordenadora pedagógica e análise documental no Projeto Político Pedagógico da referida escola. Os resultados da pesquisa evidenciaram, que, embora ainda haja lacunas significativas relacionadas falta de formação continuada para os docentes, as práticas educativas desenvolvidas pelas professoras, bem como os projetos de ensino implementados, evidenciam um compromisso com a valorização e o diálogo constante com a cultura e a identidade da comunidade. Nessa perspectiva, as práticas pedagógicas presentes na escola contextualizam e incorporam os saberes locais como elementos centrais do processo formativo, conforme previsto na legislação nacional.

**Palavras-chave:** Educação quilombola. Quilombo Jurussaca. Legislação educacional. Identidade cultural.

## ABSTRACT

This final course paper is the result of research conducted at the Luduvino Antônio de Araujo school, located in the quilombo la community of Jurussaca, municipality of Tracuateua, State of Pará. Its objective was to understand whether the pedagogical practices meet the requirements defined by Brazilian legislation for quilombola education. The study adopted a qualitative approach, based on bibliographic review and content analysis, carried out through semi-structured interviews with two teachers, a pedagogical coordinator, and document analysis of the school's Political Pedagogical Project. The research results showed that, although there are still significant gaps related to the lack of continuing education for teachers, the educational practices developed by the teachers, as well as the teaching projects implemented, demonstrate a commitment to valuing and constantly engaging in dialogue with the culture and identity of the community. From this perspective, the pedagogical practices present in the school contextualize and incorporate local knowledge as central elements of the formative process, as foreseen in national legislation. Keywords: Quilombola education. Jurussaca Quilombo. Educational legislation. Cultural identity.

## SUMÁRIO

|                                                                                |           |
|--------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>1. INTRODUÇÃO .....</b>                                                     | <b>01</b> |
| <b>2. PERCURSO METODOLÓGICO.....</b>                                           | <b>02</b> |
| 2.1. área de estudo.....                                                       | 02        |
| 2.2. escola pesquisada.....                                                    | 04        |
| 2.3.o percurso da pesquisa: abordagem e procedimentos.....                     | 05        |
| 2.4. método da pesquisa .....                                                  | 05        |
| 2.5. Geração de dados: Técnica e instrumentos de coleta.....                   | 06        |
| 2.6. Cuidado, consentimento e reciprocidade: procedimentos éticos da pesquisa. | 06        |
| 2.7. Procedimentos de análise dos dados.....                                   | 06        |
| <b>3. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS DA EDUCAÇÃO ESCOLAR</b>                            |           |
| <b>QUILOMBOLA.....</b>                                                         | <b>07</b> |
| <b>4. A EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA EM JURUSSACA: PRÁTICAS</b>                 |           |
| <b>PEDAGÓGICAS, IDENTIDADE E O DIÁLOGO COM A REALIDADE</b>                     |           |
| <b>LOCAL.....</b>                                                              | <b>11</b> |
| 4.1. breve discussão sobre quilombo e educação quilombola.....                 | 12        |
| 4.2. educação quilombola nas amazônias .....                                   | 14        |
| 4.3. formação continuada dos professores de jurussaca .....                    | 16        |
| 4.4. práticas pedagógicas no quilombo jurussaca.....                           | 18        |
| <b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                                            | <b>27</b> |
| <b>6. REFERÊNCIAS .....</b>                                                    | <b>28</b> |





## 1. INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como objetivo principal compreender se a educação ofertada pela Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Luduvino Antônio de Araújo dialoga com as práticas culturais da comunidade quilombola do Jurussaca, localizada no município de Tracuateua, nordeste do Pará. Para isso, a pesquisa analisa a relação entre educação escolar quilombola e identidade cultural, considerando as orientações das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola.

Nesse contexto, compreende-se que a Educação Escolar Quilombola se constitui como um importante instrumento de valorização, preservação e fortalecimento da identidade cultural das comunidades remanescentes de quilombos localizadas em território brasileiro. Esses grupos, formados por descendentes de africanos, sequestrados de suas terras resistiram à escravidão e construíram territórios autônomos, apresentando uma ampla diversidade cultural, expressa em tradições, saberes, práticas sociais e modos próprios de organização, preservados por meio da memória.

Nessa mesma direção Halbwachs (2006) para quem a memória não é um processo individual, mas socialmente construído, enraizado em grupos que compartilham representações e vivências. Pois, o interesse por investigar as práticas pedagógicas desenvolvidas na educação quilombola, está relacionado à minha trajetória pessoal como moradora da comunidade quilombola de Jurussaca e ex- aluna da escola Luduvino Antonio de Araujo. Essa experiência possibilitou compreender a relevância das ações educativas que valorizam a cultura quilombola e fortalecem o sentimento de pertencimento dos estudantes. Assim, a pesquisa se fundamenta em uma perspectiva que alia experiência pessoal e reflexão acadêmica, contribuindo para uma análise significativa e comprometida com a valorização da identidade cultural da comunidade.

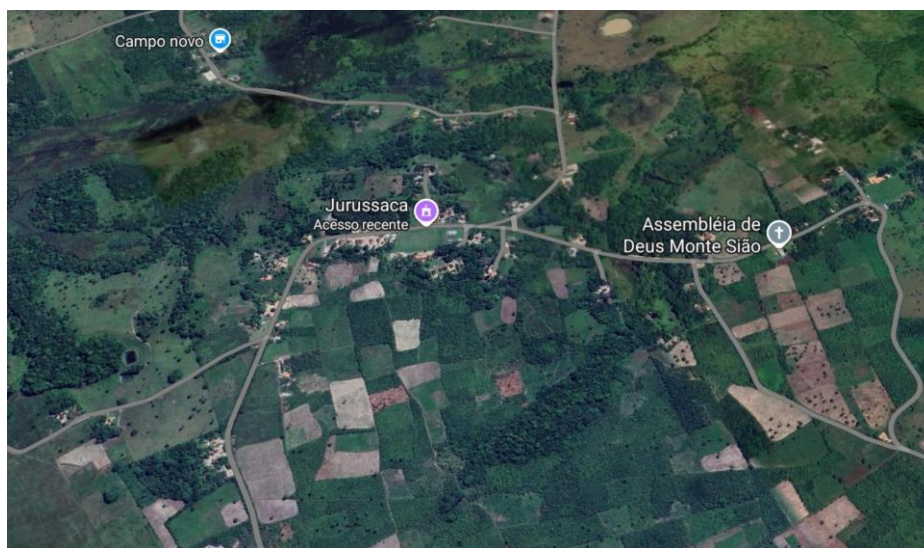
Nesse sentido, esta pesquisa tem a seguinte problemática: a educação escolar ofertada no Quilombo Jurussaca atende os requisitos previstos nas Diretrizes Nacionais para a educação escolar quilombola? Para responder esse questionamento foi elaborado os seguintes objetivos: I- Compreender as práticas pedagógicas voltadas à cultura quilombola na escola Luduvino Antonio de Araujo; II- identificar se os docentes recebem formação continuada sobre a cultura e identidade quilombola. III- Analisar como o PPP da Escola aborda as especificidades do Quilombo Jurussaca. Desse modo, acredita-se que esta pesquisa pode contribuir para ampliar o debate acadêmico sobre a realidade educacional quilombola na Amazônia; no campo social esperamos cooperar para discussões que reflitam sobre a importância da educação e identidade cultural no quilombo, no âmbito científico, espera contribuir de forma significativa.

## 2 PERCURSO METODOLÓGICO

### 2.1 Área de estudo

Esta pesquisa foi desenvolvida no município de Tracuateua, localizado na região do Salgado paraense, no estado do Pará. O estudo concentra-se em uma escola situada na comunidade quilombola de Jurussaca, localizada na zona rural do município. A origem do nome da comunidade apresenta duas versões narradas pelos moradores mais antigos. A primeira está relacionada a uma tradição local: quando uma pessoa prejudicava outra, deveria pedir perdão colocando a cabeça dentro de uma saca e jurando que não repetiria o mal cometido. Dessa prática teria surgido o nome Jurussaca, associado à expressão “jurar na saca”. A segunda versão indica que Jurussaca seria o sobrenome de um dos fundadores da comunidade, pertencente ao grupo de quatro escravizados fugidos que chegaram ao território e deram origem à formação comunitária.

Figura 1 – Imagem da Comunidade do Jurussaca



Fonte: Acervo da autora.

A imagem acima foi tirada por drone, o local onde está a maioria dos moradores da comunidade, assim como a escola Luduvico Antonio de Araújo, campo de futebol e o centro comunitário. A comunidade do Jurussaca é formada por aproximadamente cento e trinta famílias e conta com importantes espaços de convivência, fé, educação e atendimento à população. Entre eles, destacam-se duas igrejas, uma protestante e outra católica, a escola que atende os anos iniciais do Ensino Fundamental em turmas multisseriadas, um centro comunitário utilizado para as reuniões da associação quilombola, um salão de festas destinado

às celebrações tradicionais e uma unidade de saúde que atende os moradores da comunidade e de localidades circunvizinhas.

As principais atividades econômicas desenvolvidas na comunidade estão relacionadas à agricultura familiar, à pesca artesanal, ao extrativismo vegetal e à criação de animais, ao comércio local, aos benefícios sociais e às aposentadorias. Essas práticas contribuem para a organização da vida cotidiana e para a manutenção das famílias no território.

As manifestações culturais mais significativas da comunidade estão ligadas às práticas religiosas de tradição católica, que exercem papel fundamental na preservação da memória coletiva, da identidade cultural e dos laços comunitários. Entre as principais celebrações, destaca-se a Festa de Todos os Santos, cuja origem está associada a uma promessa feita por Benedito Antônio de Araújo, conhecido como Seu Bibiano, morador da comunidade. Segundo a tradição oral local, durante um período de conflito militar, Seu Bibiano prometeu realizar uma grande festividade em homenagem a Todos os Santos caso ele e os demais homens convocados não fossem enviados para o front de guerra. Com o cumprimento da promessa, a celebração passou a integrar o calendário cultural e religioso da comunidade, sendo mantida e transmitida entre gerações.

Além da Festa de Todos os Santos, outras manifestações religiosas possuem grande relevância para Jurussaca, como a Festa de São Benedito, o Círio de Santa Maria e a Coroação de Santa Maria. Essas celebrações constituem expressões de fé e devoção, ao mesmo tempo em que reafirmam a identidade cultural quilombola. Dessa forma, as festividades religiosas representam não apenas práticas espirituais, mas também espaços de valorização da história, das tradições e dos saberes culturais que marcam a trajetória da comunidade.

Antes de ser reconhecida e titulada como remanescente de quilombo, grande parte dos moradores de Jurussaca não tinha conhecimento de sua descendência africana. Segundo relatos locais, as terras estavam submetidas à condição de sesmaria e, ao longo do tempo, passaram por um processo de ocupação permanente, que possibilitou a construção de uma organização social e cultural comunitária. Posteriormente, conflitos pela posse da terra se intensificaram, especialmente porque algumas pessoas detinham informações sobre a documentação do território e teriam ocultado esses registros com a intenção de comercializar as terras. A partir desse contexto, a luta pelo reconhecimento territorial ganhou força. Após muitos desafios, a comunidade foi reconhecida como remanescente de quilombo, conforme a Lei Estadual nº 6.165, de 2 de dezembro de 1998, e recebeu o título de reconhecimento de domínio coletivo em 14 de setembro de 2002, com área demarcada de 200,9875 hectares.

## 2.2 A escola pesquisada

A Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Luduvino Antônio de Araújo está localizada na comunidade quilombola de Jurussaca, na zona rural do município de Tracuateua, nordeste paraense. De acordo com relatos de moradores antigos, o nome da escola foi escolhido em homenagem a um dos fundadores da comunidade, apontado como um dos quatro escravizados fugidos que chegaram ao território e contribuíram para sua formação e desenvolvimento.

Figura 2- Escola Luduvino Antônio de Araújo da comunidade de Jurussaca



Fonte: Acervo da autora

Embora o reconhecimento oficial da escola tenha ocorrido apenas nas últimas décadas, o atendimento educacional na comunidade teve início antes desse processo. Inicialmente, o ensino era ofertado de forma improvisada e comunitária. Com a emancipação do município de Tracuateua, em 1994, e sua instalação administrativa, em 1997, houve uma reorganização da rede municipal de ensino. Nesse contexto, a instituição passou por um processo de oficialização e, entre o final da década de 1990 e o início dos anos 2000, foi reconhecida como escola polo vinculada à Prefeitura Municipal.

Segundo os relatos obtidos, antes de possuir o prédio atual de alvenaria, com muros e salas divididas, a escola funcionava em uma casa construída de taipa. Com o passar dos anos, essa estrutura foi substituída por uma construção de madeira, até chegar à organização física

existente. Atualmente, a escola atende 48 estudantes, distribuídos entre diferentes etapas e modalidades de ensino. Na Educação Infantil, são atendidas 13 crianças nas turmas de Pré I e Pré II. No Ensino Fundamental, a instituição possui uma turma multisseriada, composta por estudantes do 1º ao 3º ano, totalizando 21 alunos.

Além disso, a escola oferece a modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), atendendo 14 estudantes da 3ª etapa, o que amplia sua função social na comunidade e reforça sua importância para a garantia do direito à educação no território quilombola.

### **2.3 O percurso da pesquisa: abordagem e procedimentos**

O presente estudo é de natureza Qualitativa, Bibliográfica e Documental. A opção pela pesquisa qualitativa justifica-se por sua capacidade de aprofundamento no universo de significados, motivos, aspirações e crenças, correspondendo a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2014). Esse viés é fundamental ao se investigar as especificidades e a riqueza cultural presentes no contexto da educação quilombola.

Para a fundamentação teórica, adotou-se a pesquisa bibliográfica que, de acordo com Gil (2002, p. 44), "é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos". Isso permitiu o embasamento necessário sobre as diretrizes e os marcos legais e teóricos da Educação Escolar Quilombola.

Por fim, o estudo caracteriza-se como uma pesquisa documental, segundo Lüdke e André (2013), a análise documental constitui-se no exame de materiais que ainda não receberam um tratamento analítico aprofundado, ou que podem ser reexaminados de acordo com os objetivos da pesquisa — o que, neste caso, materializou-se na análise dos documentos normativos e pedagógicos da escola.

### **2.4 Método da pesquisa**

O método que integra esse estudo se constitui como um estudo de caso atrelado à pesquisa de campo. De acordo com Yin (2015), o estudo de caso é uma investigação empírica que analisa um fenômeno contemporâneo em profundidade e em seu contexto de mundo real. Assim a escolha por esse método justifica-se pela imersão em uma realidade escolar quilombola específica, buscando compreender, de forma delimitada e aprofundada, como as diretrizes educacionais se materializam no cotidiano dessa instituição.

## **2.5 Geração de dados: Técnica e instrumentos de coleta**

Os dados desta pesquisa foram obtidos por meio de duas técnicas principais: a análise documental e a realização de entrevistas semiestruturadas. Inicialmente foi realizado uma investigação do Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola e do planejamento escolar docente. Esse levantamento documental teve como objetivo identificar como a identidade, a cultura e os saberes da comunidade quilombola estão formalizados nos currículos e nas propostas institucionais da escola.

Diante disso, foram realizadas entrevistas com as professoras da escola estudada. Optou-se pela entrevista semiestruturada pois, conforme Minayo (2014), esse instrumento baseia-se em um roteiro flexível que garante a abordagem dos temas principais da pesquisa, mas oferece liberdade e espaço para que o entrevistado discorra sobre o assunto de forma espontânea, trazendo à tona suas vivências e significados.

## **2.6 Cuidado, consentimento e reciprocidade: procedimentos éticos da pesquisa**

A pesquisa adota princípios éticos de respeito, cuidado e reciprocidade. A participação das colaboradoras é voluntária e baseada em consentimento livre e esclarecido, garantindo-se o direito de recusa e de interrupção a qualquer momento. Os registros em áudio e imagem são realizados apenas com autorização dos participantes da pesquisa.

## **2.7 Procedimentos de análise dos dados**

Para a organização, o tratamento e a interpretação das informações geradas nesta pesquisa, optou-se pela Análise de Conteúdo, fundamentada teoricamente em Laurence Bardin (2011). De acordo com a autora, esse método caracteriza-se por ser um conjunto de técnicas de análise das comunicações que busca obter, por meio de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e recepção destas mensagens.

Neste estudo, a análise foi constituída pelas transcrições na íntegra das entrevistas realizadas com as professoras e pelos dados extraídos da documentação escolar (Projeto Político Pedagógico e planejamento docente). Para garantir o rigor metodológico, a análise percorreu os três polos cronológicos estabelecidos por Bardin (2011): primeiro realizou-se a leitura de todo o material coletado (textos dos documentos e transcrições das falas). Segundo, as informações extraídas dos documentos e os relatos das docentes foram fragmentados e, em

seguida, agrupados por eixos temáticos. Terceiro, os resultados brutos foram articulados com o referencial teórico da pesquisa. A partir dessa triangulação (documentos, entrevistas e teoria), buscou-se compreender como a educação escolar quilombola é formalmente planejada pela instituição e como é efetivamente vivenciada e aplicada pelas professoras, o que permitiu não apenas descrever os dados, mais também interpretá-los.

### **3. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS DA EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA**

A educação escolar quilombola é compreendida como uma modalidade que valoriza a cultura e a identidade das comunidades tradicionais. Segundo Moura et al. (2022) ela deve ser construída a partir das especificidades sociais e históricas desses grupos. Nesse sentido, a escola assume um papel fundamental na valorização dos saberes locais.

A discussão sobre saberes tradicionais quilombolas e formação de professores insere-se no campo da educação intercultural crítica, que reconhece a pluralidade de conhecimentos e questiona a hegemonia dos saberes eurocentrados no espaço escolar. Aragão e Lima (2021) defendem que os saberes quilombolas, construídos historicamente nas relações com o território, a ancestralidade e as práticas coletivas, constituem formas legítimas de conhecimento e devem ser incorporados aos processos formativos docentes.

Os autores Aragão e Lima (2021), destacam que as experiências construídas ao longo do tempo, não significam que são “menos importantes” comparadas as habilidades científicas, pelo contrário são formas legítimas de saber, já que, nascem de um leque de vivências. Os conhecimentos passados de geração em geração é uma ciência que deve está inserida nesse campo de ensino. Sendo fundamental está articulada aos processos de formações para os educadores que atuam em áreas de remanescentes.

Ainda segundo Aragão e Lima (2021), essa formação continuada deve reconhecer a importância não só da negritude, mas também da criança negra na escola e valorizar a infância e os saberes adquiridos por ela na comunidade, pois a criança negra quilombola leva para o ambiente escolar os conhecimentos adquiridos socialmente com suas famílias e dentro do território. É importante que todos os professores pensem nas crianças negras, como elas aprendem e o que conhecem do lugar a que pertencem para valorizar essa infância a partir do conhecimento da experiência que adquiriu na Educação Escolar Quilombola.

Nessa perspectiva de consciência racial, é relevante o uso de adaptação no currículo, sendo implementado estratégias no âmbito de reconhecer e preservar sua trajetória. Para Moura

et al. (2022) em 2005, o jongo, como expressão de comunidades negras, tornou-se patrimônio imaterial da cultura nacional. Na comunidade Machadinha-RJ, a prática do jongo possibilitou que jovens desconstruíssem sentimentos de vergonha, decorrentes da discriminação e do preconceito contra as expressões de matriz africana, para afirmar admiração, reconhecimento e orgulho grupal. Argumentam as autoras que o potencial educativo do jongo, como prática social que confere orgulho à identidade quilombola para as novas gerações, se incorporado ao currículo escolar, pode representar resistência ao modelo eurocêntrico de educação e ser um aliado na implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola.

De acordo com Aragão e Lima (2021) uma formação que possibilite compreender as especificidades do quilombo é fundamental, visto que quando os docentes que atuam na escola da comunidade são formados a partir desses saberes, frutos da experiência de vida das pessoas que vivem nesse local, podem aprender sobre como as pessoas da comunidade percebem e vivenciam suas práticas sociais e como são primordiais para se articular com a escola e a formação continuada de professor que é vivenciada no cotidiano escolar.

Esses hábitos desencadeiam o ato de desigualdade, ao ser priorizado o ensino eurocêntrico, tornando os saberes quilombolas invisibilizados, dessa maneira, se torna eficaz o uso de um programa de ensino que seja inserido núcleos de saberes da comunidade, de forma, que articule os conhecimentos científicos aos tradicionais.

Moura et al. (2022), destaca que as DCNEEQ possuem como pressuposto um professor engajado na comunidade na qual a escola está inserida, preferencialmente como membro da comunidade e/ou que seja capacitado para lidar com as questões que envolvem a educação diferenciada. No entanto, as diretrizes e os autores aqui acionados não tratam da carreira desse tipo de docente idealizado, nem dos tempos escolares e de trabalho que envolvem as demandas dessa modalidade de educação nas comunidades específicas. Se ela é pensada como educação diferenciada para reparar diversos danos sofridos por essas populações.

Os autores ressaltam que as diretrizes idealizam um educador, que tenha habilidades de envolve-se com o povo, conhecer as demandas e ser preparado para uma aprendizagem diferenciada e antirracista.

Lima e Aragão (2021), reiteram que os docentes da escola, ao incluir em suas práticas os conhecimentos da comunidade, viabilizados pela participação social de pessoas idosas, poderão contribuir para valorizar a cultura negra quilombola, desconstruir racismo e



estereótipos e propiciar a construção identitária negra e quilombola das crianças de Caiana dos Crioulos,

Ambas as obras convergem na ideia, de que a educação quilombola não deve apenas manter os conteúdos globais, mas assegurar um ensino que integre os saberes tradicionais, a cultura, a identidade, a história e as especificidades das comunidades quilombolas. O artigo de Moura et al (2011), enfatiza o uso de ferramentas de ensino no combate ao desprezo que sofre essa população, como o jongo que funciona como dispositivos pedagógicos para desconstruir o racismo, o artigo Lima e Aragão, reforça que a educação de pessoas negras não acontece apenas na escola, mas também dentro da família o texto afirma que a escola deve dar continuidade a esse processo, assim a instituição não deve ignorar ou silenciar essas vivências.

Segundo Arroyo (2025), quando os docentes formulam projetos, oficinas, estudos da memória não estão apenas destacando a memória como um tema a mais de estudo, estão trazendo ao primeiro plano o reconhecimento dos coletivos sociais não reconhecidos como sujeitos de história. Um gesto pedagógico de extrema relevância para os educandos membros desses coletivos. “Um gesto profissional de extrema relevância política: repolitiza mais do que memórias-histórias ocultadas, repolitiza o ocultamento, a inferiorização de sujeitos sociais segregados em nossas relações políticas e culturais” (ARROYO, 2025, p.298.)

Nesse sentido, Silva et al (2025), destacam que a educação não pode ser compreendida e explicada apenas do ponto de vista sistemático de ensino, separado do mundo e domínios dos contextos sociais e culturais, de onde ela existe de fato. A educação e os saberes fazem parte da vida das pessoas, estão presentes no cotidiano, nas relações de convivências, nos lugares sociais das ideias nas práticas de produção dos vários níveis e faces que a educação e os saberes culturais estão presentes.

Para os autores Silva et al (2025), a educação não acontece apenas dentro da escola, mas ocorre continuamente por meio das experiências do cotidiano, relacionado a família, trabalho, tradições, das práticas culturais, das crenças e da convivência com outras pessoas, portanto a educação também é construída em ambientes não formais.

Assim, Pereira e Simas (2023) evidenciam os saberes da tradição oral: entre os saberes tradicionais presentes nos espaços dos quilombos – lugar que se estabelece como uma herança cheia de valores culturais –, podemos destacar a tradição oral como o principal deles. Configura-se em parte fundamental da historicidade quilombola, pois é pela tradição oral que todos os outros saberes são compartilhados entre os moradores do quilombo, constituindo-se como uma característica importante desse povo e que os diferencia das demais populações.

A tradição oral é um pilar na construção dos saberes quilombolas, por meio da fala é que os remanescentes aprendem suas origens, os ensinamentos, as histórias e as experiências são compartilhadas, dessa maneira, a oralidade não é apenas um meio de se comunicar, mais um instrumento fundamental para manter a educação e a herança cultural quilombolas (Pereira e Simas, 2023).

Ainda Pereira e Simas (2023) salientam a relevância da agricultura tradicional e trabalho: os habitantes mais velhos do quilombo são os guardiões dos saberes da agricultura e do trabalho. São os responsáveis por ensinar os moradores mais jovens a viverem de acordo com a cultura tradicional, ensinando-lhes a lidar com a terra e com as plantações; ensinando-lhes a ler a natureza e a entender os sinais da terra e do tempo.

Para Santos et al (2019), na elaboração do currículo é imprescindível considerar as necessidades sociais, econômicas, políticas e culturais da comunidade onde a escola se insere, situada em um contexto histórico e em uma territorialidade específica. Por isso, o currículo precisa ser flexível, havendo a possibilidade de adaptar-se a determinados contextos sociais, políticos e culturais. Assim, é fundamental que o currículo atenda os anseios e as especificidades da comunidade. Desse modo, é de suma importância a adaptação do currículo para atender as necessidades dos alunos, garantindo a valorização e a inclusão dos sujeitos, da sua identidade e cultura.

De acordo com Santos et al (2019), o currículo como cultura, portanto, é elemento central no processo educativo, visto que é por meio dele que se expressam projetos de sociedade, visões de mundo e conhecimentos tidos como válidos, produzindo sujeitos e identificações. O currículo não é nenhuma hipótese neutro, envolve interesses de grupos, busca direcionar e controlar a política de ser e de existir, por isso é mesmo uma política curricular.

Os autores Santos et al (2019), defendem que o currículo considerado neutro é uma ideia questionável, porque toda escolha curricular é também política e cultural, eles mencionam que o currículo expressa valores, interesses sociais e relações de poder, ele escolhe quais conhecimentos serão ensinados e quais costumes serão valorizados, sendo uma das ferramentas mais importantes na educação, o currículo é apresentado muito mais do que uma lista de conteúdos, ele é responsável por considerar e promover o reconhecimento da diversidade atualmente na sociedade, desta forma, honra a memória coletiva, as atividades culturais, os festejos, os repertórios orais e os marcos civilizatórios quilombolas.

Dessa forma, o currículo assume o papel de uma política de ser e de existir, pois as escolhas sobre quais conhecimentos são validados impactam diretamente o reconhecimento da

diversidade social. Para esta investigação, a valorização dos marcos civilizatórios quilombolas e da memória coletiva, citada pelos autores, serve como um exemplo prático de como a política curricular pode ser reorientada para honrar repertórios que historicamente foram silenciados. Portanto, relacionar essas teorias à prática educativa permite vislumbrar um currículo que não apenas ensina, mas que constrói projetos de sociedade mais inclusivos e culturalmente representativos.

#### **4. A EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA EM JURUSSACA: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS, IDENTIDADE E O DIÁLOGO COM A REALIDADE LOCAL**

A Educação Quilombola representa um importante instrumento para a valorização e preservação da identidade cultural das comunidades remanescentes de quilombos no Brasil. Esses grupos formados de descendentes africanos que resistiram a escravidão e construíram territórios autônomos possui uma rica diversidade cultural, com tradições, saberes e práxis próprias. Se organizam em comunidades historicamente marcadas pela resistência e pela luta pelos direitos, enfrentam desafios constantes para garantir uma educação que valorize e respeite seus conhecimentos tradicionais. No contexto educacional é fundamental proporcionar um ensino que adota e inclua as práticas culturais quilombolas, garantindo que os saberes ancestrais sejam transmitidos e apreciados dentro e fora da escola, tendo em vista que,

as reivindicações do movimento quilombola consideram que a natureza, princípios, organização e objetivos da escola quilombola devam levar em conta as questões históricas que marcam a existência e a resistência dessas comunidades. Logo, deve estar comprometida com a garantia aos estudantes do direito de se apropriar dos conhecimentos tradicionais e das suas formas de produção, contribuindo para o reconhecimento, valorização e continuidade das comunidades. (Rodrigues, et al. 2025, p. 158)

Segundo o ministério da educação (MEC) a política educacional para os povos quilombolas busca atender as demandas, acesso e permanência para garantir condições de ingressar nas instituições de ensino e concluir os estudos, currículo contextualizado de acordo com realidade cultural e histórica, com isso promover a valorização dos saberes culturais quilombolas. (Brasil,2020).

Assim, o reconhecimento e fortalecimento dos quilombos promove a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva, na qual a diversidade cultural é respeitada e celebrada, visto que o papel da educação, em particular é um tema central na gestão territorial quilombola,

permitindo transmissão de conhecimento e valores culturais e a construção de uma sociedade igualitária.

De acordo com o Art. 210 da nossa constituição federal, aprovado também do Art.1 da resolução N° 08/2012 do conselho nacional de educação (CNE) e a câmara básica de educação (CBE), estabelece que os currículos escolares da educação devem respeitar os valores culturais e sociais da comunidade, destacam que os professores devem lecionar conforme os conteúdos que fundamentam em;

a) da memória coletiva; b) das línguas remanescentes; c) dos marcos civilizatórios; d) das práticas culturais; e) das tecnologias e formas de produção do trabalho; f) dos acervos e repertórios orais; g) dos festejos, usos, tradições e demais elementos que conformam o patrimônio cultural das comunidades quilombolas de todo o país; h) da territorialidade. (BRASIL,2012).

Diante desse cenário, a educação quilombola está diretamente ligada à preservação e valorização da identidade cultural quilombolas. Pois, a educação precisa reconhecer a existência da comunidade quilombola, sua realidade histórica e os sujeitos que nela vivem. Conhecer, sobretudo, seus processos culturais, sua socialização e as relações lá estabelecidas cotidianamente. (Santos et al., 2019, p.56).

#### **4.1 Breve discussão sobre quilombo e educação quilombola**

De acordo com Carneiro, Oliveira (2017), durante o século XVI os portugueses iniciaram o processo de escravidão com os povos negros na colônia portuguesa, trazidos do continente africano para que pudessem trabalhar e serem explorados nas lavouras de cana-de-açúcar, da mandioca, do plantio de café e na exploração do ouro. Os africanos eram considerados como “mercadorias” e viviam nas piores condições nas senzalas. Trabalhavam muito, violentados, torturados e acorrentados e o açoite era a forma de castigo mais comum.

Os autores enfatizam que o sistema transformou os seres humanos em “mercadorias” para manter os ciclos econômicos, assim, as pessoas negras sofreram silenciosamente, mas tentando criar técnicas de resistência a escravidão. Dessa maneira, as pessoas escravizadas utilizavam conhecimentos profundos da floresta e dos rios para desenvolver “esconderijos” em locais de difícil acesso, pois eles não fugiam somente, mas atribuíam novos sentidos ao território, transformando a floresta em um aliado para sobrevivência e preservação de sua história.

Pode-se dizer que as comunidades consideradas hoje como remanescentes de quilombos são resultado dos desdobramentos sociais de conflito de classes, que incluem as fugas com ocupação de terras livres e geralmente isoladas. Há outros processos também como as heranças, doações, recebimento de terras como pagamento de serviços prestados ao Estado, ocupação de terras onde as comunidades trabalhavam e cultivavam no interior de grandes latifúndios. Estes fatos ocorreram tanto durante a vigência do sistema escravocrata quanto após sua abolição. (Santos, 2016, p. 159).

Em consonância com o autor quilombo não é apenas um refúgio marcado pelo passado, mas a conquista de um conflito de classes e da disputa pela terra que durou durante a escravidão quanto após a abolição, dessa forma, as comunidades são resultado de uma resistência complexa e várias maneiras de acesso à terra.

Com a promulgação da Constituição Federal de 1988 os quilombolas puderam buscar pela titularidade das terras, garantindo assim secundariamente a preservação do modo de vida, cultura dentre outros. Como conquistas de políticas que atendessem as necessidades dos povos que vivem em comunidades quilombolas, dentre tais podemos citar: educação escolar indígena e quilombola, como parte integrante das Diretrizes Curriculares Nacionais e ainda com formação pedagógica específica para atuação; a Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas, parte integrante da Política Nacional de Saúde praticada no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS); o Programa Brasil quilombola (PBQ) que tem por objetivos garantir o acesso à terra, saúde e educação, construção de moradias, eletrificação, incentivo ao desenvolvimento local e medidas de preservação e promoção das manifestações culturais. (Gomes e tal, 2020, p. 4)

Os autores apontam que os direitos garantidos aos quilombos são significativos, com isso é destacado três pilares importantes no contexto quilombola, educação, saúde e programas de desenvolvimento, um ponto fundamental mencionado é de direito ao reconhecimento e titularidade da terra, pois, não é só em relação a propriedade, também é a base para proteger a cultura e o modo de vida deles. Dessa forma, é ressaltado a relevância dos territórios para as comunidades tradicionais, pois, é enfatizado que a terra não é apenas um ativo financeiro, ou uma localidade. Na verdade, essa garantia de titularização é uma segurança que possibilita a continuação dos seus saberes, tradições, religiões e o trabalho em equipe.

Segundo Braga e Pedrosa (2021), Vale ressaltar que as coisas não se resolveram facilmente, ainda hoje mais de 30 anos após a promulgação da Constituição ainda existem centenas de comunidade quilombolas que lutam pela emissão de seus títulos, pois somente a garantia na Constituição não é suficiente. Pois, mesmo sendo um direito conquistado, existem muitos entraves burocráticos que dificultam a regularização das comunidades, que uma vez consolidadas contribuem para melhores condições de acesso políticas públicas por parte dos moradores.

Na perspectiva dos autores, a lei não foi suficiente para resolver a questão, pois a luta Contínua, mais de 30 anos depois, dezenas de comunidades ainda aguardam a titulação dos territórios, ainda existe barreiras burocráticas, o processo é lento e difícil, com isso dificulta a regularização oficial, embora essa conquista do título não seja apenas sobre a terra, mas é a chave para que esses moradores acessem políticas públicas essenciais para sobreviver.

Na atualidade ainda existe luta para superar os preconceitos, tais como: educacional, saúde, moradia, social, trabalhista, econômico, entre outros, a fim de garantir direitos principalmente nos campos educacionais, sociais, econômicos, ao trabalho, saúde de qualidade, que são constantemente negados. (Nascimento, Silva, 2021 p.25).

Braga e Pedrosa (2021) destacam, a classe dominante historicamente desenvolve mecanismos para garantir o status quo social, ou seja, que sua permanência no controle seja perpetuada. Assim em educação, assim como outras políticas sociais cumprem seu papel, limitando o conhecimento da população que passa por um processo de conformismo de sua situação social, preocupando em garantir sua sobrevivência com subempregos não tem forças para entender, questionar e reivindicar por melhores condições de vida.

## **4.2 Educação quilombola nas amazônias**

Ao longo da história a Amazônia destaca-se pela sua diversidade cultural formada por uma população diversa, mas sobretudo, ribeirinha, quilombola, povos da floresta e indígena, que residem tanto nos meios rurais quanto urbano, diante disso, a educação quilombola na Amazônia procura garantir às comunidades negras tradicionais um ensino que reconheça sua cultura, história e saberes, por outro lado também enfrenta grandes lutas de implementação e respeito.

A Amazônia brasileira, conhecida por sua biodiversidade e importância ecológica global, também abriga uma diversidade cultural muitas vezes negligenciada no contexto das

políticas públicas. Entre os grupos mais marginalizados estão as comunidades quilombolas, cujos territórios e práticas socioambientais permanecem invisíveis para grande parte do aparelho estatal e dos debates científicos. Historicamente relegadas às margens, tanto em termos de reconhecimento de direitos quanto de visibilidade política e acadêmica, essas comunidades não apenas sobrevivem às dinâmicas de exclusão, mas desempenham um papel relevante na preservação e produção da biodiversidade. (Mello et al.,2024, p.118).

Os autores afirmam que a Amazônia não é apenas uma área florestal, mas um mosaico cultural essencial, nesse sentido, as comunidades quilombolas são fundamentais para manter a floresta por meio de seus saberes tradicionais, porém são constantemente deixadas de lado pelo governo, dessa forma, reconhecer esses territórios não é apenas uma questão de direito dos povos, mas estratégia indispensável para a preservação ambiental universal. Visto que, os quilombolas fazem o manejo das terras de maneira sustentável, utilizam práticas que apreenderam com seus ancestrais, além disso eles compreendem a floresta como marca de sua identidade e subsistência, a falta de assistência do governo está relacionado à lentidão histórica no reconhecimento das políticas públicas destinadas para essas comunidades.

De acordo com Soares (2026) a educação escolar quilombola na Amazônia enfrenta múltiplos desafios que vão desde a invisibilização histórica das comunidades negras no campo das políticas públicas até as tensões epistemológicas presentes nos currículos escolares. A diversidade cultural e territorial das comunidades quilombolas na região exige um modelo educativo que esteja em sintonia com suas práticas, memórias e modos de vida.

O autor defende que a educação escolar para as comunidades quilombolas na Amazônia não deve ser apenas ser uma cópia do ensino urbano, pois, no decorrer do tempo essas comunidades foram ignoradas pelo governo, com isso resultou em falta de infraestrutura e recursos que valorizem suas realidades, da mesma forma a divergência entre o conhecimento acadêmico tradicional e os saberes transmitidos de geração em geração, do mesmo modo, o currículo negligencia a história e a ciência criada pelos quilombolas. Vale destacar que o autor defende uma prática educativa que deve estar relacionada à terra, as vivências, memórias e as especificidades local pra ser significativo para os alunos.

Nessa perspectiva as autoras Pereira e Simas (2024). ressaltam que:

Tal cenário nos faz pensar que a ausência de políticas públicas ainda é uma realidade presente nos quilombos do Amazonas, seja pela insuficiente formação continuada aos

docentes, pela distância e pelo difícil acesso a algumas comunidades quilombolas, ou mesmo pela inexistência de Ensino Médio, Cursos Técnicos e Ensino Superior dentro do núcleo comunitário. Esse contexto leva muitos jovens quilombolas para urbes em busca da continuação de sua formação escolar, mas, como a vida na cidade requer enfrentar muitos desafios, muitos terminam com seu sonho de formação interrompido por não se adaptarem à vida longe da família, da comunidade, ou até mesmo pelo fato de não disporem de condições financeiras para se manterem na cidade (p.78).

A escola ao contribuir com o reconhecimento e valorização das raízes culturais dos alunos, está construindo cidadãos conscientes de seus valores e direitos, desconstruindo posturas negativas que foi perpetuada nas relações sociais sobre suas pluralidades, cultura e principalmente sobre sua história (Santos e Andrade, 2020, p.78).

A escola é destacada como um espaço de transformação, ao valorizar os saberes, culturas, memórias e identidade dos alunos, o ensino deixa de ser somente transmissão de conteúdos e torna-se um instrumento de justiça social. A partir disso o aluno se sente representado reconhecido, além disso, é um importante aliado no fortalecimento de sua autoestima e consciência de direitos.

#### **4.3 Formação continuada dos professores de jurussaca**

A formação dos professores é um caminho crucial para a prática que desenvolve com os alunos. Mas é necessário que haja formação continuada para docentes que atuam nas escolas quilombolas, para garantir uma educação que reconheça e valorize a identidade cultural, pois fortalece o trabalho pedagógico voltado para o combate das desigualdades sócias.

Falar de formação continuada é trazer à tona aspectos, benefícios e necessidades desta prática, visto que a mesma vai definir a forma como o educador se coloca no mercado e como se relacionará com o público atendido, desenvolvendo aspectos pessoais, posicionamentos profissionais e a respeito do mundo no qual está inserido já que a ação de todo educador em sala de aula precisa ter uma relação, implícita ou explicitamente de forma articulada com um referencial teórico e conhecimentos adquiridos durante o seu processo de formação acadêmica que começa com uma primeira graduação e se aprimora por meio de outras formações, advindas principalmente das exigências das tendências pedagógicas que tanto refletem na prática docente.(Araújo, Miguel, 2011, p. 190).

A educação quilombola representa não apenas uma modalidade de ensino, também uma política de preservação e direito das comunidades quilombolas no Brasil, pois tem como objetivo assegurar que os alunos tenham o acesso a uma instituição de ensino que valorize sua



história, cultura e saberes, além disso, conforme a resolução CNE/CEB nº 8/ 2012 os docentes devem ter formação continuada para atuar na Educação Escolar Quilombola:

Art. 53: I - ser assegurada pelos sistemas de ensino e suas instituições formadoras e compreendida como componente primordial da profissionalização docente e estratégia de continuidade do processo formativo, articulada à realidade das comunidades quilombolas e à formação inicial dos seus professores; II - ser realizada por meio de cursos presenciais ou a distância, por meio de atividades formativas e cursos de atualização, aperfeiçoamento, especialização, bem como programas de mestrado ou doutorado; III - realizar cursos e atividades formativas criadas e desenvolvidas pelas instituições públicas de educação, cultura e pesquisa, em consonância com os projetos das escolas e dos sistemas de ensino; 18 IV - ter atendidas as necessidades de formação continuada dos professores pelos sistemas de ensino, pelos seus órgãos próprios e instituições formadoras de pesquisa e cultura, em regime de colaboração.

Os dados da pesquisa revelam um descompasso entre o discurso da coordenadora e as professoras, enquanto a coordenadora pedagógica afirma que as professoras recebem formação continuada, as docentes relatam a ausência e a necessidade dessa capacitação profissional voltada para a educação quilombola,

Tenho uma formação por mês pelo Pro-LEEI, um projeto do Governo Federal que foi implantado nas secretarias de educação de todo o Brasil para oferecer formação aos professores. O objetivo é que as crianças concluam o Pré II já conhecendo as vogais (A, E, I, O e U). Dentro da Educação Infantil, somos orientados a trabalhar principalmente com ludicidade e brincadeiras. Particularmente, não considero essa abordagem suficiente, pois as crianças já passam grande parte do tempo em casa brincando. Na formação que participei, houve muitas exigências voltadas para nós, professores. Foi solicitado que produzíssemos um texto sobre nossa infância e um desenho do brinquedo com o qual mais brincávamos. Entretanto, em relação à cultura quilombola, não recebemos orientações específicas. Não há acompanhamento, visitas ou formações voltadas para essa temática. Acredito que, se houvesse mais orientação, acompanhamento e apoio relacionados à cultura quilombola, nossa capacitação seria significativamente aprimorada, contribuindo para uma prática pedagógica mais segura e contextualizada. (Professora Iracema, 2026)

Conforme o relato da docente, os cursos ou qualificação, não são oferecidos especialmente para o público quilombola. Mas em geral, abrange diferentes contextos educacionais. Então a sua fala revela um ponto importante sobre a ausência de formação continuada, é perceptível que os professores recebem orientações pontuais, em relação o pro-LEEI, embora tenha objetivos específicos, não garante uma formação continuada e isso reduz tanto o desenvolvimento dos docentes quanto a aprendizagem das crianças.

Tal formação deve contribuir para o reconhecimento e afirmação de valores étnico-raciais e quilombolas na escola, com domínio dos instrumentos teóricos e conceituais necessários para compreender e refletir criticamente sobre a educação oferecida nas comunidades. (Rodrigues et al, 2025, p. 159).

Nessa mesma perspectiva Oliveira, (2021, p.171) ressalta que a formação continuada não apenas se limita em cursos ou treinamentos, também é entendida como um processo político e cultural que promove o fortalecimento dos docentes na Amazônia para atuarem em resistência às imposições externas, ela busca garantir práticas pedagógicas que incorporam a realidade local, preserve a identidade e desafiam a lógica mercadológica dominante.

A falta de formação não é somente um obstáculo individual, mas um fator determinante para as desigualdades educacionais, com isso, gera desatualização pedagógica os docentes não conseguem acompanhar metodologias eficazes para inclusão e reconhecimento cultural. Além disso, a dificuldade aumenta em lidar com as problemáticas da comunidade, como preconceito e racismo. Consequentemente diminui o nível de aprendizagem dos alunos, os conteúdos descontextualizados não estão relacionados com a vivência dos estudantes, também a perda da identidade, pois, a necessidade do reforço dessas práticas, podem levar ao apagamento cultural,

A formação continuada de professores é essencial para o aprimoramento da prática pedagógica. Ao longo deste processo, os educadores conseguem desenvolver suas competências e habilidades, o que os prepara para enfrentar as novas demandas que surgem na educação contemporânea. O foco na formação contínua permite que os professores se mantenham atualizados sobre metodologias e teorias educacionais, criando condições para que possam implementar mudanças significativas em suas abordagens. Essa busca pela atualização não só favorece o crescimento pessoal, mas também enriquece a experiência de aprendizado dos alunos, promovendo um ambiente escolar mais produtivo e envolvente. (Santos, et al, 2025, p. 11).

Nesse viés, a formação continuada das professoras na educação quilombola precisa ocorrer de forma institucional permanente, com isso, construir um ensino contextualizado e decolonial, não apenas cursos pontuais, mas também preparar os docentes para planejar conteúdos que dialoguem com as realidades dos alunos.

#### **4.4 Práticas pedagógica no Quilombo Jurussaca**

As discussões que seguem apresentam uma análise dos dados obtidos, a partir das entrevistas realizada com a coordenadora pedagógica e duas professoras, da escola Luduvino Antônio de Araújo, no Quilombo de Jurussaca, município de Tracuateua-PA. Onde pretendeu-

se compreender as práticas educativas e suas relações com o contexto em que a escola está inserido.

A escola Luduvino Antônio de Araújo é uma de nossas anexas, a escola busca valorizar a identidade e saberes quilombolas por meio dos projetos pedagógicos, atividades culturais, rodas de conversas e ações que fortaleçam o reconhecimento da história da cultura e das tradições da comunidade, inclusive a turma da EJA, no turno da noite está trabalhando muito sobre essa identidade quilombola, do mesmo modo, as duas turmas integrais que funcionam no período do dia, das 7:00 às 14:00 horas. (Coordenadora Paula-2026)

A fala da coordenadora demonstra que as tais práticas estão estruturadas aos princípios da educação escolar quilombola, visto que promove a valorização da memória coletiva, das tradições culturais e dos saberes passados de gerações. Além do mais, as trocas de conversas através da oralidade são fundamentais para resgatar a história e saberes quilombolas, pois a educação quilombola é entendida como um caminho de construção social, por meio das experiências vivenciadas que são marcadas pela resistência e valorização dos ancestrais. Desse modo, é destacado a relação com o território na preservação da cultura e na elaboração de um currículo que considere a identidade e as tradições do povo quilombola. A fala da coordenadora pedagógica mostra o empenho da escola no fortalecimento por meio de práticas educativas que valorizam as especificidades local.

Segundo Pereira e Simas (2023), o reconhecimento e a manutenção da cultura e da identidade étnica da população negra e, mais especificamente, do povo quilombola, está diretamente relacionado aos seus modos de existência. Nessa conjuntura, a escola em territórios de quilombos tem um papel indispensável no processo de valorização da cultura e identidade quilombola, principalmente no que tange às relações raciais. Essa valorização é perceptível na fala professora Iracema:

Desenvolvo meu trabalho pedagógico a partir de um projeto elaborado no início do ano, né! alinhado às orientações o município, da escola polo e da BNCC. Esse projeto é adaptado à realidade da comunidade por meio de temas relacionados à família, ancestralidade, cultura, agricultura e outros aspectos da identidade quilombola, que são inseridos no processo de ensino e aprendizagem. Na Educação Infantil, procuro trabalhar por meio de brincadeiras, atividades lúdicas e do desenvolvimento da oralidade, pra fortalecer habilidades importantes para a alfabetização e para o desenvolvimento das crianças, né. mas, percebo que ainda existem dificuldades significativas no processo de aprendizagem, o que se reflete nos resultados educacionais da escola. Sobre essa cultura quilombola, daqui, enfrento desafios para abordá-la de forma prática em sala de aula, porque, devido, né! às condições climáticas as vezes o sol muito quente ou a chuva, impede de levar as crianças para observar as árvores, casas, e os rios, pois, é à diversidade cultural presente aqui na comunidade. Por isso, busco constantemente pesquisar e adaptar minhas práticas pedagógicas à realidade dos alunos. Também, considero fundamental a participação

da família no processo educativo, porque o apoio familiar contribui significativamente para o fortalecimento da aprendizagem e para a superação das dificuldades encontradas no contexto escolar. (Professora Iracema, 2026).

De acordo com a fala da professora Iracema, sua prática pedagógica possui uma vinculação com o contexto local, em que procura articular o currículo escolar com a valorização/ diálogo com a cultura quilombola. Mesmo enfrentando desafios para proporcionar uma educação que valorize a identidade dos alunos, ela ressalta a importância da participação da família e da comunidade para avançar no processo de ensino e aprendizagem que seja mais significativo.

Entendemos que a prática pedagógica precisa viabilizar a interação entre as culturas (escolar e dos alunos), pautada no diálogo, no respeito aos saberes dos educandos e na solidariedade, visto que a educação escolar deve articular a prática educativa à cultura dos sujeitos coletivos. E, nesse sentido, promover a construção das identidades dos educandos referenciadas na sua cultura e história, de forma a propiciar sua autoafirmação enquanto sujeitos históricos. Para isso a escola precisa estar aberta ao diálogo e a participação da comunidade. (Gonçalves, 2022). O que observado também na fala da professora Wellem:

A temática dos saberes na escola é trabalhada por meio de projetos pedagógicos, né! que valorizam a realidade e a cultura da comunidade. Então No ano de 2026, desenvolvi, juntamente com a escola, o projeto “Raízes que nos formam Tecnologias que nos Transformam” com o objetivo de relacionar as tecnologias antigas às tecnologias atuais, então promovendo reflexões sobre as mudanças ocorridas ao longo do tempo. Então, apresento o projeto à comunidade escolar, envolvendo os pais, alunos e moradores, fortalecendo a participação coletiva no processo educativo. Durante as atividades, organizo espaços temáticos que expõem tecnologias antigas e modernas, permitindo né, que as crianças conheçam, comparem e reflitam sobre essas transformações, né. Também, procuro valorizar a cultura local, a identidade comunitária e o sentimento de pertencimento por meio do trabalho pedagógico. Por isso, desenvolvo ações que incentivam o reconhecimento das próprias origens e o respeito às diferenças. (Professora Wellem, 2026)

A fala da professora Wellem, ratifica que a escola tem uma preocupação em relacionar o currículo escola com a identidade e saberes dos alunos. Pois, segundo Ela, a sua prática pedagógica se orienta na integração entre o passado e o presente, escola e comunidade, conhecimentos locais e universais. Diante disso, promoveu atividades/ ações para favoreceu a criticidade dos alunos e com isso, contribuiu para a valorização e compreensão sobre o papel da educação na transformação da sociedade.

De acordo com Silva e Arraes (2024), integrar o conhecimento ancestral ao ensino de Ciências (como a Física) torna o aprendizado mais prazeroso, relevante e envolvente,

permitindo que os alunos conectem a teoria científica à sua realidade cotidiana. O que também é observado na fala da coordenadora Paula:

A escola promove trabalhos culturais, projetos, apresentações artísticas, pesquisas na comunidade, oficinas de saberes tradicionais e comemoração nas datas importantes, inclusive dia da consciência negra celebrado em 20 de novembro, exposição dos textos, rodas de conversas aonde os moradores ancestrais e lideranças se reúnem para compartilhar suas vivências e experiências para a comunidade escolar, justamente para manter a comunidade presente na escola, com isso, valorizar a cultura a identidade e preservar a tradição que tem. Atualmente as professoras conseguiram levar a moradora mais antiga da comunidade para participar da apresentação do projeto que será trabalhado o ano letivo “tecnologias dos ancestrais” trazer para a atualidade com o objetivo de resgatar e valorizar os costumes tradicionais. (Coordenadora Paula, 2026)

A fala da coordenadora indica que a escola busca dialogar com os saberes quilombolas, por meio de atividades que podem ser realizadas diariamente nas práticas educativas, além disso, ao integrar esses repertórios de temáticas de ensino, a escola estimula a aproximação dos alunos a sua própria história. Diante disso, os estudantes reconhecem a cultura quilombola como um patrimônio que deve ser prestigiado, preservado e transmitido entre gerações.

É importante destacar que a escola quilombola deve ter um olhar que visa atender as necessidades do quilombo, reconhecendo suas demandas, sendo assim, fortalecer por meio de políticas públicas educacionais que garante o desenvolvimento da cidadania e da preservação da herança cultural desses espaços, a coordenadora menciona o projeto “tecnologia dos ancestrais” como que representam conhecimentos criados historicamente pelos povos tradicionais, esses saberes auxiliam na manutenção de práticas ligadas a agricultura, ao artesanato, à medicina popular, à alimentação e ao uso sustentável dos recursos da natureza, assim, promove o respeito pelos conhecimentos transmitidos de geração em geração. A prática pedagógica da professora está organizada para promover esse reconhecimento, como podemos observar abaixo:

O que eu mais gosto de trabalhar é a questão da família, por meio da construção da árvore genealógica, valorizando o respeito e também os aspectos culturais, como as festas e os costumes da comunidade. Procuo relacionar esses temas às atividades desenvolvidas em sala de aula, utilizando livros e outros recursos pedagógicos adequados à faixa etária dos alunos. (Professora Iracema, 2026)

A professora destaca uma metodologia que busca aproximar escola, família e comunidade, tornando o processo educativo significativo, principalmente, através da árvore genealógica, promovendo o reconhecimento e os aspectos culturais da comunidade, como festas e saberes, da mesma forma, busca integrar esses conteúdos as atividades escolares.

Segundo Nobrega et al (2019), a parceria entre família e escola para o desenvolvimento da criança é fundamental, pois, a educação não acontece apenas na sala de aula; ela é potencializada quando os pais participam ativamente do cotidiano escolar, não apenas participam das reuniões burocráticas. Pois, esse acompanhamento contínuo cria um suporte emocional para a formação integral do aluno. E como isso, as atividades desenvolvidas pelas professoras permite uma interação da escola com a comunidade, na fala da professora Wellem:

Então, a gente trabalhou saberes e práticas culturais as tradições e as comidas, os locais dentro da comunidade, por exemplo, dentro da matemática se a gente for fazer uma questão problema, digamos na festa de todos os santos tinham quatro barracas, tinham tantos santos, com isso a gente formula uma questão problemas pra eles, no 3º ano então a gente sempre vem trazendo atividades relacionadas a vivência deles, praticamente todas as atividades são voltadas pra vivência, para o contexto local, para os costumes mesmo da comunidade. Então assim, não só dentro da matemática, mas da língua portuguesa, estamos trabalhando separação silábica vamos trabalhar palavras que estejam dentro do vocabulário deles, que eles tenham mais acesso, árvores, plantas, rio e animal, então assim, a gente sempre vai buscando palavras que estejam dentro do contexto, o próprio nome da comunidade, sempre buscamos inserir de acordo com o contexto deles, mas, claro! Não deixando de fora, que a gente sabe que existe também um mundo todo, mas o foco principal é o que está no acesso deles. (Professora Wellem, 2026)

A professora afirma que em vez de ensinar conceitos abstratos, ela utiliza a realidade dos alunos, como tradições, diante disso, ela descreve uma pedagogia baseada na contextualização e do pertencimento. Pois, a matemática e o português não são isolados, eles ganham existência, por meio, dos costumes e vocabulário do próprio lugar.

Entendemos que a educação quilombola precisa estar pautada na realidade dos povos, o que requer uma pedagogia própria, que respeite as especificidades étnico culturais de cada comunidade. E essa orientação precisa estar pautada, inserida no projeto político pedagógico da escola (PPP), pois, “o PPP da escola contempla os princípios, a partir disso os professores trabalham a valorização local quilombola, incentivando a integração do conhecimento, trazendo práticas para poder enriquecer o currículo escolar” (Pereira e Simas 2023, p.108-109).

O relato evidencia que O PPP da escola constitui de maneira crucial, um instrumento de orientação da ação docente, já que, contempla princípios alinhados a legislação brasileira. Nesse sentido, os professores elaboram conteúdos que articulam os conhecimentos escolares com os saberes locais da comunidade. Tal direcionamento favorece uma educação contextualizada que considere a realidade dos educandos como base para o desenvolvimento cognitivo e para tomada de decisão. Para isso, esses elementos precisam estar inseridos no

currículo escolar e ratificado no PPP da escola, pois dessa forma, contribui para o sentimento de pertencimento dos alunos, além de contribuir para ampliar a visão de mundo dos alunos.

Dessa forma, para pensar a educação para os quilombolas faz-se necessário reconhecer a identidade e a cultura quilombola, percebendo seus elementos para construí-los enquanto conteúdos escolares, a partir do diálogo com a comunidade. Nisso, o currículo não seria a simples soma dos diversos saberes selecionados como mais importantes, mas o movimento híbrido da intenção, do reconhecimento, do sentimento de comunidade recontextualizado na prática escolar. Currículo como recontextualização híbrida do contexto histórico/cultural dos personagens que assumem certas subjetividades quilombolas. (Santos et al, 2019, P.56).

As crianças que estão nascendo hoje, principalmente na Educação Infantil, muitas vezes não conhecem sua própria origem. Quando pergunto em sala de aula sobre suas raízes ou sobre quem são, algumas não sabem responder. Por isso, procuro reforçar que elas são quilombolas e que devem ter orgulho dessa identidade, né! Tenho um aluno do Pré-I chamado Efraim. Quando trabalhamos as cores, ele me disse com muita convicção que não era branco, mas preto. Ele demonstra segurança ao falar sobre si mesmo e sobre a forma como se identifica. Eu respeito sua fala dele, ele tá certo, porque existe o branco, preto e pardo, sei que é importante que a criança reconheça e afirme sua identidade sem constrangimentos. Considero fundamental trabalhar a temática da identidade cultural com as crianças. Para isso, preciso conhecer suas histórias e suas raízes. Muitas vezes, é necessário conversar com os avós, com os familiares e com os moradores mais antigos da comunidade, pois são eles que guardam muitos saberes sobre o que significa ser quilombola. Com isso, as crianças conhecem suas raízes, e consigo desenvolver atividades e conteúdos que façam sentido para os alunos. Não posso levar para a sala de aula um conteúdo complexo sem que a criança compreenda seu significado. Por isso, procuro abordar esses temas de forma lúdica e adequada à faixa etária. Também trabalho sobre a questão da diversidade, pois a comunidade quilombola é composta por diferentes famílias, cores, crenças religiosas, modos de vida e formas de trabalho. Nem todas as pessoas que vivem na comunidade trabalham diretamente no campo, e as crianças precisam compreender essa diversidade. Meu objetivo é que elas entendam que são crianças quilombolas, que possuem uma história, uma identidade e uma ancestralidade que merecem ser valorizadas. (Professora Iracema, 2026)

Diante do relato da docente, percebemos que sua prática pedagógica contribui para o fortalecimento da identidade e no respeito da ancestralidade, em especial, desde a infância. Ao ouvir os avós e as pessoas mais antigas da comunidade, o espaço é transformado em uma extensão da sala de aula, dessa maneira, reconhecer que a comunidade é plural combate estereótipos e amplia a visão de mundo dos estudantes. Com isso, ela vai além da sala de aula, essa pedagogia é também um ato político, que reafirma a educação, que deve ser libertadora e enraizada na realidade dos povos. Ao trazer a ancestralidade para o meio do processo educativo, a escola deixa de ser apenas transmissora de conteúdos e passa a ser guardiã de memórias e multiplicadora de futuros possíveis.

Isso só nos faz acreditar na importância que a educação escolar possui na formação e desenvolvimento de um país. Principalmente quando a escola adota prática educativa que torna os conteúdos escolares significativos aos alunos. Mas é preciso que essas práticas e discussões aconteçam em todo país, “diversas discussões vêm acontecendo na tentativa de efetivar maneiras visando à conscientização para a mudança de atitudes em relação a busca de igualdade social e superação de preconceitos enraizados na sociedade, principalmente com relação a discriminação racial” (Vasconcelos et al, 2025, p. 25). Como podemos observar na fala da professora entrevistada, a importância do respeito pela cultura e identidade do educando:

Considero importante, por isso trabalhamos todos os anos, porque trabalhar a cultura a valorização e a importância da identidade é o foco principal, porque a gente não pode deixar que as tradições acabem, deixar que eles se sintam desvalorizados, porque isso já foi um grande tabu, em achar que são menos, e graças à Deus a gente percebe que as crianças elas já sabem da sua importância da valorização da cultura e do respeito principalmente. Então a gente trabalha sempre mostrando a cultura, identidade e a importância desse reconhecimento, e o principal o respeito que a gente precisa ter. (Professora Wellem, 2026)

De acordo com o relato da docente, ela evidencia a importância de preservar e valorizar a cultura e a identidade quilombola, por meio de atividades curriculares para os alunos, ela destaca que trabalhar a cultura não é apenas celebrar tradições, além disso, assegurar que elas não desapareçam, dessa forma, as pessoas da comunidade em especialmente as crianças se sintam reconhecidos e respeitados. A docente afirma que antes havia preconceito ou sentimento de inferiorização, diante disso, ela desenvolve práticas pedagógicas para desconstruir e mostrar a relevância que todos tem, a partir disso, defender a cultura e a identidade para o fortalecimento e respeito, pois evita que as tradições sejam esquecidas e desvalorizadas.

Sob esse ponto de vista, a escola deverá garantir aos cidadãos e aos coletivos sociais, por ela constituída, o direito de se vivenciar no seu interior contextos reais de uma aprendizagem inovadora através de práticas pedagógicas que primam por um ato de aprender significativo com respeito às identidades, à diversidade, à vivência e transmissão das suas tradições culturais as quais são parte constitutiva do processo de formação histórica, social, cultural e política dos povos quilombolas. (Custódio, Foster, 2025, p. 78).

A formação profissional do professor implica, pois, uma contínua interpenetração entre teoria e prática, a teoria vinculada aos problemas reais postos pela experiência prática e a ação prática orientada teoricamente. O desempenho satisfatório do



professor em sala de aula não estar intrinsicamente relacionado a vocação natural ou somente da experiência prática [...]. É verdade que muitos professores manifestam especial tendência e gosto pela profissão, assim como se sabe que mais tempo de experiência ajuda no desempenho profissional. Entretanto, o domínio das bases teórico-científicas e técnicas, e sua articulação com as exigências corretas do ensino, permitem maior segurança profissional, de modo que o docente ganhe base para pensar sua prática e aprimore sempre mais a qualidade de seu trabalho (LIBÂNEO, 1994, p. 28).

As informações revelam, a crucialidade de atualização contínua dos educadores no ambiente escolar, para combater a perda da origem tradicional dos educandos, também garante aos docentes a se tornarem agentes ativos como salvaguardas da identidade e da cultura quilombola. Segundo a fala da coordenadora pedagógica, algumas pessoas da comunidade afirmaram que a identidade, cultura, tradição e seus saberes estão se perdendo, sendo assim, essa desvalorização pode estar relacionada a vários fatores, diante disso, a escola desenvolveu um projeto para valorizar e preservar esses conhecimentos quilombolas, através do uso da tecnologia os alunos têm a oportunidade de conhecer técnicas e saber que foram desenvolvidos pelos seus antepassados. Logo, sendo uma ferramenta de resistência identitária visando atender os anseios da comunidade por um ensino voltado para inclusão e reconhecimento de suas raízes.

Os professores recebem acompanhamentos pela secretária de educação (SEMED), os educadores participam das formações continuadas, encontros pedagógicos, estudos que abordam temas sobre étnico-racial e valorização cultural quilombola, inclusive, a nossa coordenadora da pasta quilombola ela sempre estar presente orientando, fazendo formações com os professores para que eles possam preservar essa identidade e não deixar que ela morra, pois, foi relato de muitos moradores que estava se perdendo os costumes ancestrais, visto que a SEMED, oferece o apoio pedagógico, apoio nas formações e nos momentos de implementação das práticas docentes. (Coordenadora Paula – 2026).

Em termos de educação escolar quilombola, parece-nos que a formação ainda é muito mais complexa, pois implica construção de novos quadros de referência, novos paradigmas e formas de abordagem, tanto no que diz respeito às práticas pedagógicas desenvolvidas nas escolas, quanto no que diz respeito à formação inicial e continuada de professores, de modo que possam melhor corresponder aos princípios e objetivos que orientam a educação escolar quilombola (COSTA; DIAS; SANTOS, 2016, p.90).

A gente não tem uma formação específica pra área quilombola, né! As formações que acontecem elas são juntas, né? A gente já tem a orientação por parte da coordenação, que a vocês trabalham em escolas quilombolas então, peguem alguma coisa da cultura, e o que é que vai ser trabalhado com base em cima da temática que está sendo trabalhada tanto no município, né! Quantos nas escolas polos, a gente da anexa vai pesquisar um tema. (Professora Wellem, 2026)

Em sua perspectiva a docente, primeiro ressalta que não recebe formação voltada para a educação quilombola, essa fala mostra uma lacuna institucional, ou seja, ausência de políticas públicas de formação continuada para educação quilombola, ao mesmo tempo demonstra, uma resistência e protagonismo dos professores, que sentem a necessidade de construir práticas pedagógicas de acordo com a demanda do local, embora essa responsabilidade tenha risco de recair apenas sobre o esforço individual dos professores, sem garantir profundidade na valorização da cultura quilombola. Em vista disso, a docente aponta para uma tensão, um lado, a habilidade criativa e resistente dos professores, de outro, a ausência de políticas públicas que assegure as condições estruturais para que a educação quilombola seja reconhecida e legitimada como parte fundamental da diversidade cultural brasileira.

A formação continuada com foco na cultura quilombola é uma preparação necessária por meio de uma atualização contínua em torno de informações, conhecimentos e abordagens sobre a cultura negra que são sim desafiadores de si trabalhar no ambiente escolar, os livros e atividades desenvolvidas precisam estar embasadas na literatura, arte popular e história seguindo parâmetros curriculares. (Araújo e Miguel 2020, p. 696).

De forma geral os docentes demonstram segurança, porém em alguns momentos surgem algumas inseguranças, porque a gente tá trazendo agora essa identidade, resgatando, mas a gente consegue tirar nossas dúvidas com os professores, nós enquanto gestão pedagógica da escola, então é muito importante e proveitoso trabalhar sobre essa valorização quilombola que está se perdendo. (Coordenadora Paula-2026)

Essas necessidades de confiança pedagógica, pode estar ligada à falta de formação específica ou estudo aprofundado, sobre a temática central, por outro lado, essas dificuldades não eliminam o compromisso docente, mas demonstram a necessidade de aprimoramento contínuo da formação e do apoio pedagógico, para aperfeiçoar a aprendizagem nessa realidade, em síntese surge essa falta de segurança na prática docente, devido ao longo da história o sistema educacional várias vezes excluir, marginalizar e invisibilizar as comunidades quilombolas. Portanto para que o aprendizado seja relevante é necessário criar uma ponte de respeito e reconhecimento mútuo, entre instituição de ensino, professores e o contexto do território, ou seja o docente tem que entender que o aluno não chega à escola ignorante de conhecimento, no entanto, traz vivências que devem ser respeitadas e incorporadas ao processo educativo, dessa maneira torna a aprendizagem integrada a realidade.

Diante do exposto, compreendemos que, embora o espaço escolar tenha como foco principal a formação dos educandos, os depoimentos evidenciam a necessidade de se trabalhar de forma mais aprofundada a cultura quilombola, assegurando a eles, a apropriação, a incorporação e valorização de sua herança cultural, compreendendo esta como um processo que ocorre num determinado tempo e lugar.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A presente pesquisa buscou compreender a relação entre educação quilombola e a identidade cultural, no contexto da comunidade de Jurussca. No século XX, essa educação foi marcada por invisibilidade, exclusão e resistência dos quilombos, mas a partir da constituição de 1988, foram reconhecidos os direitos para remanescentes de quilombolas.

Neste cenário a educação quilombola, enquanto modalidade de ensino é primordial para assegurar uma educação voltada para as demandas da comunidade, que fortaleça a identidade e promova justiça social, transformando a escola em um espaço de preservação e emancipação, portanto, atendendo a relevância dessa modalidade, que a escola Luduvino Antônio de Araújo, comunidade quilombola, atende alunos da educação infantil e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

O estudo destacou a ausência de formação continuada direcionada especificamente a valorização da cultura e saberes quilombolas, desse modo, fragiliza à docência ao elaborar assuntos que estejam conectados com a realidade local, da mesma maneira, constatou-se que quando a escola é desassociada da história e das especificidades da comunidade, arrisca-se reproduzir padrões colonizadores e excludentes, em contrapartida quando engloba os saberes tradicionais, memória, oralidade, religiosidade, tradições e territorialidade, o espaço torna-se de valorização identitário.

Os resultados obtidos demonstram a relevância da temática e evidenciam a necessidade de fortalecer a formação continuada das docentes, desta forma, a qualificação das professoras deveria acontecer de forma contínua e articulada com o próprio contexto escolar, permitindo que atuem como mediadoras entre o conhecimento universal e os saberes tradicionais.

Este trabalho apresenta contribuições, especialmente no âmbito de debater sobre políticas públicas educacionais para atender exigências quilombolas, podendo auxiliar profissionais e pesquisadores a desenvolverem pesquisas sobre a escola e a comunidade, para

que tenham mais voz e visibilidade, em conclusão reafirma-se, que a educação é um instrumento de resistência, liberdade e preservação da identidade cultural, embora, essas insurgências precisam ser mais conhecidas e agregadas nos currículos escolares.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Waldir Ferreira de; OLIVEIRA, Damião Bezerra (orgs.) **Pedagogias decoloniais, decolonialidade e práticas formativas na Amazônia**. Curitiba; Editora CRV, 2021.

ARAÚJO, Rosilene da Silva; MIGUEL, Joelson Rodrigues. **Formação Docente Continuada e a Educação Quilombola / Continuing Teacher Education and Quilombola Education**. ID on line. Revista de psicologia, [S. l.], v. 14, n. 51, p. 689-702, 2020. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/2629>. Acesso em: 20 jun. 2026.

ARROYO, Miguel G. **Currículo, território em disputa**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011, 229 p.

BRAGA, Alinne Nauane Espíndola; PEDROSA, Raimunda Conceição Rosa. **As Políticas Públicas destinadas às Comunidades Quilombolas. Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo**, [S. l.], v. 3, n. 1, p. e316342, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/6342>. Acesso em: 20 mar. 2026.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução nº 8, de 20 de novembro de 2012. **Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica**. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, n. 225, p. 28, 21 nov. 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CEB nº 16/2012**, de 5 de junho de 2012. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola. Relatora: Nilma Lino Gomes. Diário Oficial da União, seção 1, p. 8, 20 nov. 2012.

CARRIL, Lourdes de Fátima Bezerra. **Os desafios da educação quilombola no Brasil: o território como contexto e texto**. Revista Brasileira de Educação, v. 22, n. 69, abr./jun. 2017.

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/L9vwgCcgbY6sF4KwMpdYcfK/?lang=pt>. Acesso em: 20 jun. 2026.

CUSTÓDIO, Elivaldo Serrão; FOSTER, Eugénia da Luz Silva (org.). **Educação escolar quilombola: saberes, fazeres e práticas**. 1. ed. Curitiba: Bagai, 2025. 99 p. E-book. DOI: 10.37008/978-65-5368-652-6.20.09.25. Disponível em: <https://doi.org/10.37008/978-65-5368-652-6.20.09.25>. Acesso em: 5 jun. 2026.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Centauro, 2006.

LEGRAMANDI, Aline Belle; GOMES, Manuel Tavares. **Insurgência e resistência no pensamento freiriano: propostas para uma pedagogia decolonial e uma educação emancipatória**. Revista @mbienteeducação, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 24-32, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.26843/ae19828632v12n12019p24a32>. Acesso em: 2 jun. 2026.

LIMA, Luciene Tavares da Silva; ARAGÃO, Patricia Cristina de. **Saberes tradicionais quilombolas e formação de professores**. In: CONGRESSO NACIONAL DE PESQUISA E ENSINO EM CIÊNCIAS (CONAPESC), 6., 2021, Campina Grande. Anais [...]. Campina Grande: Realize Editora, 2021. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/77015>. Acesso em: 1 jun. 2026.

MELLO, Januária Pereira; MARTINEZ, Diego Amoedo; SANTOS, Juliene Pereira dos; SANTOS, João Vitor Gomes dos; MELLO, Dalila Silva. **Fronteiras marginais: a luta das comunidades quilombolas da Amazônia brasileira contra a invisibilidade no debate sobre conservação ambiental**. *Amazônica Revista de Antropologia*, [S. l.], v. 16, n. 2, p. 115-142, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/amazonica/article/view/15884>. Acesso em: 5 jun. 2026.

MORAES, Cleodir da Conceição (Org.). **Ensino de história na escola básica: sujeitos, práticas e narrativas**. Ananindeua: Cabana, 2023.

MOURA, Camila Batista Gama; SOARES, David Gonçalves; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. **Educação escolar quilombola em debate**. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 52, e09773, 2022. DOI: 10.1590/198053149773. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/198053149773>. Acesso em: 29 abr. 2026.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 33. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

NASCIMENTO, Damião Cavalcante do; SILVA, Luandson Luis da. **A educação quilombola: uma história de resistências e inclusão**. Editora Realize, [S. l.], [ano]. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/81703>. Acesso em: 15 abr. 2026.

PEREIRA, Laura Belém; SIMAS, Hellen Cristina Picanço. **A Educação Escolar Quilombola na Amazônia**. *Revista e-Curriculum*, São Paulo, v. 22, e54663, 2024. DOI: 10.23925/1809-3876.2024v22e54663. Disponível em: <https://doi.org/10.23925/1809-3876.2024v22e54663>. Acesso em: 20 mai. 2026.

PEREIRA, Laura Belém; SIMAS, Hellen Cristina Picanço. **Educação escolar e saberes tradicionais quilombolas**. Manaus: EDUA, 2023. 296 p. E-book. ISBN 978-65-5839-127-2. Disponível em: <https://edoc.ufam.edu.br/handle/123456789/7333>. Acesso em: 20 jun. 2026.

RODRIGUES, Fernanda Lopes et al. **Formação continuada de professores/as para a educação escolar quilombola: relato de experiência em comunidades do Maranhão**. *Revista da ABPN*, [S. l.], v. 19, n. 47, p. 155-181, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.31418/2177-2770.2025.v19.n47.1950.p155-181>. Acesso em: 20 jun. 2026.

RODRIGUES, Fernanda Lopes; SILVA, Carlos Benedito Rodrigues da; SILVA, Acildo Leite da; BIANCHINI, Ângelo Rodrigo; CRUZ, Maria do Carmo Alves da. **Formação continuada de professores/as para a educação escolar quilombola: relato de experiência em comunidades do Maranhão**. *Revista da ABPN*, [S. l.], v. 19, n. 47, p. 155-181, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.31418/2177-2770.2025.v19.n47.1950.p155-181>. Acesso em: 11 mar. 2026.

SANTOS, Jean Mac Cole Tavares; OLIVEIRA, Élide Joyce de; MARTINS, Guilherme Paiva de Carvalho. **Educação quilombola e currículo escolar: Olhares sobre a prática educativa no contexto escolar**. *Revista Educação, Cultura e Sociedade*, [S. l.]. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/recs/article/view/8467>. Acesso em: 20 mar. 2026.

SANTOS, R. de S. **EDUCAÇÃO ESCOLAR, TERRITÓRIO E CULTURA QUILOMBOLA: EXPERIÊNCIAS, PESQUISAS E VIVÊNCIAS**. *Revista Da Associação*

Brasileira De Pesquisadores As Negros As (ABPN), 8(18), 156–184, 2016. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/47>.

SANTOS, Raquel Amorim; ANDRADE, Simeir Santos. **Relações étnico-raciais e quilombos: dos conhecimentos socioculturais ao currículo da educação escolar quilombola na Amazônia paraense**. *Nova Revista Amazônica*, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 65-85, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18542/nra.v8i2.9373>. Acesso em: 1 jun. 2026.

SILVA, Gláucia de Fátima Fernandes da; SARAIVA, Luis Junior Costa. **Terra, território e territorialidades em Jurussaca - comunidade quilombola na Amazônia Oriental**. *Revista EDUCAmazônia - Educação Sociedade e Meio Ambiente, Humaitá*, v. 9, n. 2, p. 179-201, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7628447>. Acesso em: 20 mai. 2026.

SOARES, Rodrigo Alves. **Educação Quilombola na Amazônia: memória, território e descolonização do currículo**. 2026. 19 f. Trabalho de Curso (Licenciatura em Geografia) – Campus Universitário de Ananindeua, Universidade Federal do Pará, Ananindeua, 2026. Disponível em: <https://bdm.ufpa.br/items/4dcdac21-2d53-46dc-acbb-d5330ee3e1e3>. Acesso em: 10 mai. 2026.

VALLE, Paulo Roberto Dalla; FERREIRA, Jacques de Lima. **Análise de conteúdo na perspectiva de Bardin: contribuições e limitações para a pesquisa qualitativa em educação**. *Educação em Revista*, [S. l.], v. 41, 2025. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/hhywJFvh7ysP5rGPn3QRFWf/?lang=pt>. Acesso em: 20 mai. 2026.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.